

ENCONTROS COM JOÃO 2a Primeiros Sinais (2,1-4,54)

PERCURSO NARRATIVO

- ◆ Depois do Prólogo e da apresentação de Jesus por João Batista, que tem como consequência a formação de um grupo inicial de discípulos, a primeira parte do evangelho (2,1-12,50) reflete sobre a maior parte do ministério de Jesus. João coloca esta reflexão sobre Jesus no contexto de viagens entre a Galileia e Jerusalém, passando pela Samaria, por ocasião da celebração das grandes festas judaicas. Estes primeiros episódios, são comumente chamados como “Evangelho dos Sinais”.
- ◆ Hoje, percorreremos o que se chama “Os primeiros Sinais” de Jesus (2,1-4,54), um bloco importante da narração, que inicia e conclui com episódios ligados à povoação de Caná, na Galileia: as bodas em Caná (2,1-11) e a cura do filho de um funcionário real (4,43-54).

Entre estas duas narrações, João descreve a viagem de Jesus a Jerusalém, para a festa da Páscoa: *“Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém”* (2,13). Na cidade santa, Jesus faz um gesto de veemente denúncia do templo e do que lá se passa e expulsa os vendedores, denunciando toda uma atividade que perverte o sentido do lugar (2,12-22). Depois tem um encontro noturno com o rabi Nicodemos, sobre a necessidade de *“nascer do Alto/de novo”* (3,1-21). A seguir à festa, permanece algum tempo na Judeia, junto ao rio Jordão e os seus discípulos encontram o grupo de João Batista, dando ocasião a um final testemunho de João sobre Jesus (3,22-36).

No regresso da Judeia, Jesus *“tinha de passar pela Samaria”*, onde tem outro encontro muito significativo com uma mulher samaritana, junto ao poço de Jacob, que acaba por ser uma grande ocasião de Jesus falar aos samaritanos da cidade de Sicar, sobre a tradição semelhante e divergente dos dois povos, permanecendo ali dois dias (4,1-42).

Chega finalmente à Galileia e dirige-se a Caná, onde tinha realizado o primeiro sinal e é confrontado com o pedido de um funcionário real que lhe pede para ir acudir ao seu filho que está para morrer. Jesus cura o menino, que estava à beira da morte, fazendo com que toda a sua família aderisse a ele (4,43-54).

Os encontros de Caná e de Jerusalém mostram a visão crítica de Jesus sobre a forma como se vive a fé dos antepassados, mas vai bem mais além, propondo um novo nascimento a partir *“do Alto”* e apresentando-se como aquele que vem, em nome de Deus, para a salvação do mundo. A passagem pela Samaria e a cura do filho do funcionário real mostra que a salvação de Deus não conhece limites de etnia ou tradições, mas a todos propõe um renascer a partir do Espírito que dá vida.

2,1-11 As Bodas de Caná

TEXTO

1 Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. **2** Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. **3** Como viesse a faltar o vinho, a

mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» **4** Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver comigo e contigo? Ainda não chegou a minha hora.» **5** Disse a Mãe aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!»

6 Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. **7** Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.»

8 Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.» **9** E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era – sabiam-no, porém, os servidores que tinham tirado a água – chamou o noivo **10** e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!»

11 Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com que manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele. **12** Depois disto, desceu a Cafarnaum com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.

COMENTÁRIO

◆ **1** Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. **2** Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda.

- A expressão “*ao terceiro dia*”, significa, no modo de contar daquele tempo, “o dia depois do amanhã”. É desse tipo a expressão “*ressuscitou ao terceiro dia*”, quando na forma hodierna de contar, nem chega a dois dias. Esta contagem parte do esquema cronológico da semana inicial do evangelho, como vimos anteriormente, marcado pelas frases “*No dia seguinte*”, convergindo para este sexto dia das bodas de Caná. Assim todo o movimento inicial de manifestação pública de Jesus, iniciado com o testemunho de João Batista, encontra um “*sinal*” interpretativo nesta narração da boda.

Dia 1 (1,19-28) João e os emissários de Jerusalém

Dia 2 (1,29-34) “*No dia seguinte*”: Jesus, O Cordeiro de Deus que batiza no Espírito

Dia 3 (1,35-42) “*No dia seguinte*”: O dia dos dois primeiros discípulos

Dia 4 (1,43-51) “*No dia seguinte*”: O dia de Filipe e Natanael

Dia 6 (2,1-11) “*Ao terceiro dia*”: Boda em Caná e promessa da “*Hora*”

- Esta sucessão cronológica, que conflui para o sexto dia, alude ao relato da criação, onde **o sexto dia é o da criação do primeiro casal humano, Adão e Eva**. Essa referência estará igualmente em evidência no fim do evangelho, onde se diz expressamente que “*faltavam seis dias para a Páscoa*” (Jo 12,1). Será também aí, no “*sexto dia*”, na “*hora de Jesus*”, que surgirá o “*homem novo*” do peito trespassado de Jesus, de onde brota sangue e água, como dom de amor que gera a nova humanidade. A referência criacional e o anúncio da “*Hora*” de Jesus constituem uma inclusão de toda a atividade de Jesus e são fundamentais para entender todo o evangelho.
- O **enquadramento cronológico** começa por dar o tom à leitura simbólica que se deve fazer deste texto de Caná. Vejamos alguns desses elementos fundamentais para entender a narração, que está longe de ser o mero resumo noticioso de uma festa de núpcias:
- O **banquete** é um dos elementos claros na tradição bíblica para falar da esperança de salvação messiânica futura, como canta o profeta Isaías: “*O Senhor do universo preparará para todos os povos um banquete; um banquete de carnes suculentas e de vinhos requintados*” (Is 25,6ss).

- O **amor esponsal** é um dos símbolos mais expressivos para falar da aliança de amor de Deus (o esposo) para com o seu povo (a esposa), mesmo quando Israel é infiel, como no drama familiar do profeta Oseias (Os 1-3; cf. igualmente Ez 16, 1ss) e toda a interpretação do livro do Cântico dos Cânticos. Os evangelhos sinóticos também retomam esta imagem do banquete nupcial para falar da chegada dos tempos messiânicos (cf. Mt 8,11; 22,1ss; Lc 14,15-24). A imagem da festa esponsal está bem presente neste evangelho, concretamente no testemunho de João Batista: *“Quem tem a noiva é o noivo. O amigo do noivo, que o assiste e escuta, alegra-se com a voz do noivo. Assim, pois, essa minha alegria está realizada”* (Jo 3,29).
 - **A mãe e Jesus**, também não é simplesmente Maria de Nazaré. Ela *“estava lá”*, pertencia a esta boda da aliança de Deus com Israel. Representa o Israel fiel, como já encontramos entre os primeiros discípulos (1,47). *“Jesus e os discípulos também foram convidados”* para o casamento. Mas, agora que começaram os tempos novos, esta não será a sua boda. A formulação de João é sintomática: *“havia uma boda em Caná”*, isto é, a aliança estava a desenrolar-se, na sua vertente pública e ritual-celebrativa. A esta luz se entende a forma estranha como Jesus se dirige à sua mãe, chamando-a de *“mulher”*. No entanto, toda a simbologia mostra como Jesus vem a este banquete no papel que deveria de ser o do noivo. Só que, neste casamento, a sua boda vai apenas ser anunciada.
- ◆ **3 Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» 4 Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver comigo e contigo? Ainda não chegou a minha hora.» 5 Disse a mãe aos servidores: «Fazei o que Ele vos disser!»**
- Na cultura de Israel (como na nossa), **faltar o vinho num casamento**, representa uma grande razão de pesar para os noivos e as suas famílias. Aqui, porém, muito mais está em jogo, pois o vinho é símbolo da alegria, da bênção e do amor: *“Melhores são as tuas carícias que o vinho... mais do que o vinho celebraremos teus amores”* (Ct 1,2.6). As grandes festas de Israel, como a Páscoa, têm o vinho como um dos principais símbolos. Que não haja vinho na festa é bem estranho. Mantém-se de pé a estrutura do casamento-aliança, mas o essencial, o amor, não existe.
 - **A mãe de Jesus** – representante do Israel fiel de onde nasce humanamente Jesus – dá-se conta desse vazio e fá-lo notar àquele que deve ser o noivo da Nova Aliança: *“Não têm vinho!”*.
 - **Jesus entende esta observação triste** e responde de um modo aparentemente estranho: *“Mulher, que tem isso a ver comigo e contigo? Ainda não chegou a minha hora.”* O título de *“mulher”* dada à mãe e a referência à *“minha hora”*, fazem uma inclusão com o papel de Maria, mãe de Jesus, junto à cruz (19,25-27), no culminar da *“hora”*, em que se manifestará a totalidade do amor de Deus para com a humanidade e a *“mulher”* será a Mãe da nova humanidade. Aqui, pois, Jesus dirige-se à sua mãe, o Israel fiel, corroborando a observação desta sobre o estado da Aliança e revelando também que os tempos novos chegaram, mas não é neste casamento. A *“hora”* da nova boda está para chegar. Essa será a boda do enviado de Deus.
 - É a esta luz que se entende a **indicação da mãe aos “servidores”**, isto é, àqueles que, como ela, continuavam fielmente ao serviço da Aliança: *“Fazei o que Ele vos disser!”*. Esta frase indica a disponibilidade dos que esperavam o enviado prometido de Deus: *“O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, dentre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar”* (Dt 18,15).

-
- ◆ *6 Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. 7 Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.» 8 Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.»*
 - O **cuidado com a purificação ritual** constitui um dos vetores principais da vivência da aliança. No banquete da festa, estas normas eram para ser observadas e estavam para tal dispostas *“seis vasilhas de pedra”*. Na simbólica bíblica dos números, o *“seis”* é quase a perfeição, simbolizada pelo sete, mas nunca será plenitude, precisamente por isso. O seis pode até ser sinónimo de engano: passa por ser total e perfeito, sem o ser.
 - O sexto dia da manifestação da criação e da manifestação de Jesus, entende-se nesta perspetiva. **O homem é o ápice da criação (em seis dias)**, mas se não tiver em conta o sétimo dia, dedicado a Deus, a criação é um engano, como olhar a aliança apenas nos seus ritos. A revelação da *“hora”* de Jesus representará o nascimento do homem novo.
 - **As vasilhas da purificação estão marcadas pela insuficiência:** pelo seu número (seis), por serem *“de pedra”*, e por estarem vazias. Este tipo de purificação ritual pode ser símbolo de algo interior e autêntico, como o batismo de João, mas, sem o dom do Espírito, não consegue aproximar o homem da fonte da vida que é Deus, como diz Jesus no evangelho de Marcos (cf Mc 7,1-23). Por isso, Jesus manda enchê-las, mas para que cumpram o seu papel de indicar a necessidade de ser purificado, isto é, transformado pelo próprio Deus, segundo a profecia de Ezequiel: *“Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados; Eu vos purificarei de todas as manchas e de todos os pecados. Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne”* (Ez 36,25-26).
 - Transformando a água em vinho, **Jesus dá um sinal da transformação que veio fazer:** por um lado, dar pleno sentido à Aliança de Deus com o seu povo, que não caduca nem perde a sua eficácia (encher as vasilhas); por outro lado, anunciar a Nova Aliança, que leva à plenitude a primeira Aliança do amor sponsal de Deus para com o seu povo, através do dom do seu Espírito.
 - ◆ *9 E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era; sabiam-no, porém, os serventes que tinham tirado a água – chamou o noivo 10 e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!»*
 - Os **servidores fiéis do banquete reconheceram a origem desse vinho novo.** O chefe da mesa, porém, não conhece a sua origem, mas pode atestar que o vinho melhor foi guardado até agora. De facto, os responsáveis pelo povo, não reconheceram a origem deste vinho, como acontece no episódio do cego, que experimentou a ação de Jesus que lhe abriu os olhos e se confronta com a autossuficiência das autoridades – *“Sabemos que Deus falou a Moisés; mas, quanto a esse, não sabemos donde é!”* – e lhes responde com toda a frontalidade: *“Ora isso é que é de espantar: que vós não saibais donde Ele é, e me tenha dado a vista!”* (Jo 9,29s).
 - ◆ *11 Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com que manifestou a sua glória, e os discípulos acreditaram nele. 12 Depois disto, desceu a Cafarnaum com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.*

- Este primeiro sinal de Jesus, **retoma os principais temas do Prólogo e do testemunho de João**. Por outro lado, revela a dinâmica da rejeição de Jesus, na linha dos profetas, que criticam a infidelidade de Israel e apontam a necessidade de uma recriação de Israel e do mundo, pela intervenção do amor fiel de Deus
- A **leitura discipular deste texto** não se pode contentar em mostrar a incapacidade das autoridades de Israel, no evangelho simplesmente designadas de “os judeus”. Seria uma atitude de superioridade e autossuficiência que tornaria inútil o texto. Para todos há o perigo, fácil e frequente, de reduzir a vitalidade transformadora do Evangelho, a uma ritualidade estéril, onde não brilha a presença do Espírito de Deus, que gera alegria, amor e vida.
- Este sinal de **Jesus convida a uma análise da situação**, como faz Maria e a comunidade fiel. Mas, em seguida, é necessário apreciar e deixar que o vinho novo da presença do Verbo encarnado produza frutos de amor e de vida, tanto a nível pessoal, como igualmente na forma de ser família e Igreja anunciadora de um mundo renovado. Não basta simplesmente ir deitando remendos, é necessário aceitar o desafio de Jesus, o Noivo-Esposo, e deixar-se guiar pelo seu Espírito.

2,12-22 *Expulsão dos vendedores do templo (Festa da Páscoa)*

(cf. Mt 21,12-17; Mc 11,15-19; Lc 19,45-48)

TEXTO

13 Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. **14** Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. **15** Então, fazendo um açoitado de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois, deitou por terra as moedas dos cambistas e derrubou-lhes as mesas; **16** e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da casa de meu Pai uma feira.» **17** Os seus discípulos lembraram-se que está escrito: *O zelo da tua casa me devora.*

18 Então os judeus perguntaram-lhe: «Que sinal nos apresentas para fazer isto?» **19** Declarou-lhes Jesus: «Destruí este templo e, em três dias, eu o levantarei!» **20** Replicaram então os judeus: «Este templo foi construído em quarenta e seis anos, e tu vais levantá-lo em três dias?» **21** Ele, porém, falava do templo do seu corpo. **22** Então, quando Jesus ressuscitou dos mortos, os seus discípulos recordaram-se de que ele o tinha dito e acreditaram na Escritura e nas palavras que tinha proferido.

23 Enquanto ele estava em Jerusalém, durante as festas da Páscoa, muitos acreditaram no seu nome, ao verem os sinais que realizava. **24** Mas, da sua parte, Jesus não acreditava neles, porque os conhecia a todos **25** e não precisava de que ninguém testemunhasse sobre as pessoas, pois sabia o que há nelas.

COMENTÁRIO

- ◆ **13** Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. **14** Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos.
- **Jesus vai a Jerusalém** pela “Páscoa dos judeus”. Essa é, ainda hoje, a principal festa do calendário judaico. Celebra a libertação da escravidão do Egito, a Aliança do Sinai e a organização e Israel como povo. Na época de Jesus a cidade enchia-se de judeus vindos de todo o mundo conhecido de então. A cidade, que teria uns 50.000 mil habitantes, na altura

da festa podia superar o triplo ou quádruplo da população. Tudo isso levava a uma atividade social e económica muito ativa. Só encontrar cordeiros para a ceia pascal de todas as famílias que chegavam de fora, significava uma grande atividade económica para toda a Judeia. Os cambistas eram importantes, pois, no tesouro do templo, apenas podiam entrar moedas cunhadas na Judeia, o que obrigava a um amplo sistema de câmbios. E tudo isto era controlado pelas grandes famílias sacerdotais de Jerusalém, que daí tiravam grandes proventos.

- **O templo, por seu lado, representava o centro da vida crente de Israel.** Era a expressão da presença de Deus no meio do seu povo, garantia da sua proteção e local para exprimir a sua fé, gratidão e confiança em gestos de culto regular e em ocasiões especiais, como a Páscoa e as outras festas. Brilhantemente reconstruído por Herodes, o Grande (que reinava quando Jesus nasceu), era justamente, para todos os israelitas, motivo de grande orgulho e confiança, tanto religiosa como política.
- ◆ *15 Então, fazendo um açoite de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois, deitou por terra as moedas dos cambistas e derrubou-lhes as mesas; 16 e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da casa de meu Pai uma feira.»*
- Todo este rebuliço, no pátio exterior do templo ou “Pátio dos gentios” provocou uma **enérgica reação de Jesus** que, fazendo um chicote com cordas, começou a mandar embora os comerciantes e a derrubar as mesas dos cambistas.
- Esta reação faz **eco das críticas ao templo, das suas origens até aos profetas**, sobretudo porque a piedade do templo não era acompanhada por uma vida segundo a justiça e o cuidado por quem precisa. É claro, a esse respeito, o texto de Isaías 1,11-17: *11 De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? - diz o Senhor. Estou farto de holocaustos de carneiros, de gordura de bezerras. Não me agrada o sangue de vitelos, de cordeiros nem de bodes... 13 Não me ofereçais mais dons inúteis: o incenso é-me abominável... 16 Lavai-vos, purificai-vos, tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas ações. Cessai de fazer o mal, 17 aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas.”* Com todo este negócio, os gestores do templo deixaram de ser pastores que apascentam o rebanho e só pensam em apascentar-se a si próprios: *“Ai dos pastores de Israel, que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o rebanho?”* (cf. Ez 34,1-10).
- **Todos os evangelistas fazem referência ao gesto profético de Jesus**, embora os sinóticos a coloquem durante a última atividade de Jesus em Jerusalém, atribuindo mesmo ao facto um papel na sua condenação (cf. Mt 21,12-17; Mc 11,15-19; Lc 19,45-48). A palavra que acompanha o gesto de Jesus – *“Não façais da casa de meu Pai uma feira”* – tem a ver com a tradição dos profetas de fazer do templo um lugar autêntico de encontro com Deus, recusando as manobras financeiras e de poder que giravam em torno dele.
- Certamente terá sido um gesto mais simbólico do que uma verdadeira expulsão do templo, pois Jerusalém e os arredores do templo eram bem policiados na altura das festas e uma atitude suscetível de provocar distúrbios populares teria sido prontamente reprimida.
- ◆ *17 Os seus discípulos lembraram-se que está escrito: O zelo da tua casa me devora.*
- **Os discípulos interpretam o gesto de Jesus no sentido profético e espiritual** de defesa da santidade do templo, recordando-se do salmo 69,10: *“O zelo da tua casa me devora”*. Nessa

altura, estavam certamente imbuídos de entusiasmo pelo templo e de revolta pela descarada exploração que dele faziam as famílias sacerdotais de Jerusalém. É esse sentimento de orgulho que aparece no entusiasmo deles, ao chamarem a atenção de Jesus para a beleza do templo, obtendo de Jesus uma previsão bem mais negativa, como conta Marcos: *“Repara, Mestre, que pedras e que construções! Jesus respondeu: Vês estas grandiosas construções? Não ficará delas pedra sobre pedra; tudo será destruído.”* (Mc 13,1-2).

- ◆ **18** Então os judeus intervieram e perguntaram-lhe: *«Que sinal nos apresentas para fazer isto?»* **19** Declarou-lhes Jesus: *«Destruí este templo e, em três dias, eu o levantarei!»* **20** Replicaram então os judeus: *«Este templo foi construído em quarenta e seis anos, e tu vais levantá-lo em três dias?»* **21** Ele, porém, falava do templo do seu corpo. **22** Então, quando Jesus ressuscitou dos mortos, os seus discípulos recordaram-se de que ele o tinha dito e acreditaram na Escritura e nas palavras que tinha proferido.
- O gesto de Jesus não pode deixar de suscitar a **preocupação das autoridades do templo**: Entendem que Jesus pretende falar em nome de Deus, no estilo dos profetas, e pedem-lhe um sinal dessa condição. Como acontece com João Batista (1,24s) e o cego, no cap. 9, não se trata tanto de buscar ou aceitar o que pedem. Trata-se sobretudo um desafio e uma ameaça.
- A resposta de Jesus dá a toda a ação **um significado diferente e renovador**: não se trata simplesmente de prevenir os abusos do templo, mas é mesmo a instituição do templo que tem de ser revista. Jesus tem uma atividade evangelizadora itinerante. Não despreza o templo e reconhece o seu papel, mas anuncia a sua superação: *“Destruí este templo e eu o levantarei em três dias... Ele falava do templo do seu corpo.”*
- A ligação do gesto e da palavra de Jesus no templo, com a sua presença e palavras nas bodas de Caná e nos próximos diálogos com Nicodemos e a Samaritana, mostram que **o que está em causa é mais radical**. A Nicodemos, Jesus fala da necessidade de *“nascer do Alto”* e à Samaritana diz que *“está a chegar a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai... os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois assim são os adoradores que o Pai procura.”* (3,21-23). O novo templo é a pessoa mesma de Jesus. Ele é o caminho para o Pai *“quem me vê, vê o Pai”* (14,9). Esta é a consequência da encarnação do Verbo: O Filho de Deus fez-se pessoa humana. O encontro com Deus faz-se através da sua humanidade.
- **Os discípulos ainda não estão preparados para entender** todo este discurso. Entendem-no à luz da sua perspectiva judaica. Ainda não entenderam a novidade que Jesus representa e inaugura. Só depois da morte e ressurreição de Jesus eles terão a capacidade de compreender o sentido das palavras de Jesus.
- **Deus não está ligado a nenhuma construção**, nem a nenhum país ou lugar sagrado. Todas estas manifestações podem ter o seu papel importante, mas são sempre provisórios e passageiros: *“Não ficará pedra sobre pedra”* (Mc 13,1s).
- Por outro lado, **a própria lógica da encarnação requer e privilegia locais, sinais e tempos** que tornem presente e atuante o dom e a presença de Deus no mundo concreto dos homens. Jesus mesmo utiliza locais, gestos e sinais desse tipo, como este discurso e ação no templo: senta-se a beira do poço de Jacob, para encontrar a samaritana, manda organizar a ceia pascal, faz da partilha do pão uma referência fundamental para a sua comunidade, etc.

- **O que Jesus não tolera** é que alguém se apodere de todos esses dons de Deus como instrumento de proveito próprio, de poder (próprio, de grupo, de nação ou etnia) ou, pior ainda, de opressão ou exclusão de alguém, pois isso deturpa radicalmente a gratuidade e universalidade do dom de Deus.
- ♦ *23 Enquanto ele estava em Jerusalém, durante as festas da Páscoa, muitos acreditaram no seu nome, ao verem os sinais que realizava. 24 Mas, da sua parte, Jesus não acreditava neles, porque os conhecia a todos 25 e não precisava de que ninguém testemunhasse sobre as pessoas, pois sabia o que há nelas.*
- Em Jerusalém, **os gestos de Jesus impressionaram favoravelmente muitas pessoas** que “acreditaram nele” (deram-lhe a sua adesão). Seriam possivelmente pessoas que estavam descontentes com a situação do templo e do país e sinceramente uns e algo fanaticamente outros, desejavam uma mudança verdadeira. João, porém, afirma que Jesus “*não acreditava neles*”, pois os conhecia intimamente. Como os discípulos, também muitos outros faziam do acontecimento do templo uma leitura bem diferente daquela que Jesus tinha em mente. Também na compreensão do templo, será determinante ter contemplado a “*hora*” de Jesus no alto do calvário, para onde converge todo o evangelho.

3,1-21 *Jesus e Nicodemos*

TEXTO

3,1 Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, um chefe dos judeus. **2** Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe: «Rabi, nós sabemos que tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» **3** Jesus declarou-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus.» **4** Perguntou-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?»

5 Jesus respondeu-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. **6** O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito. **7** Não te admires por Eu te ter dito: Tendes de nascer de novo. **8** O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.»

9 Nicodemos retorquiu-lhe: «Como pode ser isso?» **10** Jesus respondeu-lhe: «Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas? **11** Em verdade, em verdade te digo: nós falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas vós não aceitais o nosso testemunho. **12** Se vos falei das coisas da terra e não acreditais, como é que haveis de acreditar se vos falar das coisas do Céu? **13** Pois ninguém subiu ao Céu a não ser aquele que desceu do Céu, o Filho do Homem. **14** Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado, **15** a fim de que todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna.

16 De facto, Deus amou tanto o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único, a fim de que todo o que acredita nele não se perca, mas tenha a vida eterna. **17** Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. **18** Quem nele acredita não é julgado, mas quem não acredita já está julgado, porque não acreditou no Filho Único de Deus. **19** E o julgamento é este: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más. **20** De facto, quem pratica o mal odeia a Luz e não se

aproxima da Luz para que as suas ações não sejam censuradas. 21 Mas quem pratica a verdade aproxima-se da Luz, para que seja manifesto que as suas obras são praticadas em Deus.»

COMENTÁRIO

A partir dos dois primeiros sinais, João apresenta **uma catequese mais aprofundada**, sob forma de um diálogo com um rabi importante, mestre da Lei, pertencente ao grupo dos fariseus. Nas Bodas de Caná (2,1-11) tinha feito entender a insuficiência da Lei e ritos externos para manter a Aliança e dar a Vida em plenitude à humanidade. Na expulsão dos vendedores do templo (2,12-22), tinha apresentado a sua humanidade de Filho de Deus como superação do templo e autêntico caminho de salvação através do contato com Deus. No diálogo que se segue, cheio de referências à Escritura, explica que aquilo que vem trazer não é simplesmente uma purificação e evolução de realidades externas, mas a possibilidade de comunhão com o Senhor da Vida.

- ◆ **3,1** *Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, um chefe dos judeus. 2* *Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe: «Rabi, nós sabemos que tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.»*
- Nicodemos é apresentado como **membro do grupo dos fariseus** e *“chefe dos judeus”*, portanto, uma pessoa importante e significativa. Revela ser um homem honesto e representante de muitos (fala no plural: *“sabemos que vieste da parte de Deus”*) que, como ele, buscavam renovar o judaísmo a partir da estrita observância da Lei. Esta era precisamente a situação do grupo dos fariseus no tempo de Jesus. São, sem dúvida a corrente mais válida e mais espiritual do judaísmo e serão os garantes do futuro da herança espiritual do povo de Israel, após a destruição do templo.
- **Vem ter com Jesus “de noite”**, provavelmente para não expor a sua relação com Jesus. No entanto, no evangelho de João, a noite e as trevas estão ligadas à ausência, e, muitas vezes, à rejeição de Jesus. Quando Judas sai da ceia de Jesus com os discípulos para ir entregar o Mestre, João diz simplesmente *“E era noite.”* (13,30). Aqui, não parece haver um juízo tão duro, até porque Nicodemos terá um papel bem positivo na sequência do evangelho: defende Jesus diante das autoridades (7,50) e arrisca-se pedindo o corpo de Jesus e tomando parte na sua sepultura (19,39). Parece ser alguém, nas trevas, procura alguma luz.
- A sua introdução ao diálogo revela essa posição. Como fariseu, **Nicodemos deseja a purificação do templo e das instituições religiosas e o retorno à Lei estrita**, como forma de agradar a Deus e garantir o futuro do seu povo. Trata Jesus com respeito, dando-lhe o título de Rabi, e parece ser sincero quando o considere vindo de Deus: *“Rabi, nós sabemos que tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais que Tu fazes, se Deus não estiver com ele”*. Os gestos de Jesus têm, pelo menos, uma parte da sua aprovação. Mas há coisas que não entende, dentro da proposta de Jesus.
- ◆ **3** *Jesus declarou-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus.»*
- **Jesus coloca o diálogo num plano superior**: ele não vem fazer simplesmente a purificação ou a reforma do judaísmo; é preciso mesmo *“nascer de novo / nascer do Alto”*. Em grego, *“Anôthen”* tanto pode significar *“de novo”*, como *“de cima, do alto”*. João joga com as palavras para dizer que não se trata simplesmente de deitar um remendo ou de voltar atrás.

É verdade que há coisas que têm de ser purificadas e melhoradas, mas nem sequer a estrita observância da Lei pode assegurar o acesso à Vida se ela não vier de cima, de Deus.

- Esta afirmação **encontrava-se já no Prólogo**: *“Estes não nasceram do sangue, nem de desígnio de carne, nem de desígnio de varão, mas de Deus é que nasceram”* (1,12); *“Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre Ele”* (1,32).
 - A afirmação de Jesus é absoluta e é reforçada com a menção do *“Reino de Deus”*, isto é, a **manifestação do seu poder salvador**, o seu *“reinado”*. *“Ver o Reinado de Deus”* pode ter dois âmbitos complementares: Por um lado, reforça o significado de *“ver”*, compreender, perceber, com todas as dinâmicas do ser (intelecto, emoção, experiência, afeto): quem não acolher o dom do Espírito de Deus não chegará a entender a sua lógica. Mas significa também, como nos sinóticos, o *“entrar no Reino de Deus”*, isto é, assumir, desde agora, um tipo de vida, que atinge a sua plenitude no mundo de Deus.
- ◆ *4 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?*
- A **pergunta/objeção de Nicodemos não é fruto de entender fisicamente a imagem de Jesus**, com se ele falasse de um novo parto. Nicodemos entende perfeitamente o sentido figurado de Jesus e mantém-se na mesma linha: a sua mãe, como a mãe de Jesus é o povo de Israel e a Lei que lhe dá vida, fé e futuro. É preciso reformá-lo, sim, mas *“nascer de novo”*, buscar outro princípio, é algo que não é fácil de aceitar para alguém que chegou à velhice, na observância desses princípios de fidelidade à tradição.
- ◆ *5 Jesus respondeu-lhe: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. 6 O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito. 7 Não te admires por Eu te ter dito: Tendes de nascer de novo. 8 O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.*
- Jesus insiste e declara solenemente – *“Em verdade, em verdade te digo”* – na linha do Prólogo, que se trata do nascimento *“da água e do Espírito”*, que completa a criação, abrindo à humanidade a porta da família e da Vida de Deus.
 - A **água e o Espírito são conceitos ligados no evangelho de João**. Passagem central para a compreensão desta afirmação de Jesus é 7,37-39: *“37 ... Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim! 38 Como diz a Escritura, do seu íntimo hão de brotar rios de água viva. 39 Ora Ele disse isto referindo-se ao Espírito que iam receber os que cressem nele; com efeito, ainda não tinham o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado.”*
 - No evangelho **este anúncio de Jesus cumpre-se no alto da cruz**, quando, do peito trespassado de Jesus brota sangue e água (19,34). Além disso, é evidente a referência batismal, segundo o batismo no Espírito anunciado por João Batista (1,33).
 - Jesus usa também uma outra compreensão jogando com a palavra *“pneuma”*, que significa *“vento”* ou *“Espírito”*. Assim como **o vento é invisível e poderoso, assim o Espírito de Deus**. Não está preso a nenhum lugar, nem a nenhum povo ou cultura, mas sopra onde quer. O *“nascer do Alto”* é entrar numa nova perspectiva de vida que não descompromete da Lei, mas lhe dá o verdadeiro sentido.
- ◆ *9 Nicodemos retorquiu-lhe: Como pode ser isso? 10 Jesus respondeu-lhe: Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas? 11 Em verdade, em verdade te digo: nós falamos do que*

sabemos e damos testemunho do que vimos, mas vós não aceitais o nosso testemunho. 12 Se vos falei das coisas da terra e não acreditais, como é que haveis de acreditar se vos falar das coisas do Céu? 13 Pois ninguém subiu ao Céu a não ser aquele que desceu do Céu, o Filho do Homem.

- A incompreensão de Nicodemos persiste, pois **o que Jesus lhe mostra põe em causa todo o seu sistema de vida** e não vê ainda com clareza como pode conjugá-lo com a fé que sempre o guiou. Ele terá um caminho a percorrer, até possivelmente chegar à fonte das águas, quando Jesus for elevado, para descer o seu corpo da cruz e sepultá-lo.
- Jesus, porém, insiste no ponto principal: **Nicodemos, mestre em Israel, deveria saber estas coisas**, que estavam anunciadas na Escritura, concretamente pelos profetas Jeremias (Jr 31 - a nova Aliança) e Zaqueu e a purificação pela água e pelo Espírito (Ez 36,26-28 – a purificação do coração pela água e dom do Espírito).
- No entanto, todas essas realidades, embora de grande significado, são ainda terrenas, como o batismo de João Batista. a palavra de Jesus tem outra origem, vem de junto de Deus. Ele é o único que pode conhecer o caminho para chegar até Deus.

14 Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado, 15 a fim de que todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna. 16 De facto, Deus amou tanto o mundo, que lhe entregou o seu Filho Único, a fim de que todo o que acredita nele não se perca, mas tenha a vida eterna. 17 Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele.

- Na conclusão do encontro, outro testemunho da Escritura serve para deslocar o diálogo para **o tema da salvação, uma questão fundamental na fé judaica e cristã**. Aludindo a Nm 21,8s, Jesus faz uma relação direta para a cena final da “hora” de Jesus, quando Jesus for elevado. Nicodemos estará também relacionado com esta cena. Como a serpente do deserto, a elevação de Jesus na cruz é um sinal paradoxal de salvação.
- **Esse sinal será a manifestação do amor salvador de Deus**, para além de todas as manifestações legais. O objetivo da encarnação do Verbo de Deus não é simplesmente o de realizar um julgamento em termos de Lei, mas de oferecer a vida, a fim de que, *“todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna”*.

18 Quem nele acredita não é julgado, mas quem não acredita já está julgado, porque não acreditou no Filho Único de Deus. 19 E o julgamento é este: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más. 20 De facto, quem pratica o mal odeia a Luz e não se aproxima da Luz para que as suas ações não sejam censuradas. 21 Mas quem pratica a verdade aproxima-se da Luz, para que seja manifesto que as suas obras são praticadas em Deus.

- O Filho de Deus não condena. A sua elevação como fonte única de acesso a Deus, torna-se critério decisivo de salvação. Por isso, **se existe condenação não vem de Deus, mas da ausência de Deus**, pela não aceitação da salvação oferecida. A possibilidade de perder a Vida em plenitude não é um juízo condenatório de Deus, mas a não aceitação de Deus, que deixa o ser humano reduzido à efemeridade do seu existir.
- Esta realidade é ainda expressa, como no Prólogo (1,5.9-12), pela **simbologia da luz e das trevas**. Na noite que envolvia a busca da luz, por parte de Nicodemos, mostrou-se uma luz. O texto do diálogo não diz qual o efeito desta luz. A sequência do evangelho mostra, como

dissemos acima, que talvez não foi inútil. Nicodemos vai mesmo chegar a um gesto de grande coragem ao ir sepultar o corpo de Jesus (19,38-42). Mas isso será já, depois de ter jorrado a fonte da água viva.

- O diálogo com Nicodemos é o **início de um encontro para continuar**. Não se fala de uma adesão de Nicodemos e Jesus não a impõe. No decorrer do evangelho Nicodemos abrir-se-á gradualmente a Jesus, sobretudo quando ele é acusado e condenado.

3,22-36 *Novo testemunho de João Baptista*

TEXTO

22 Depois disto, Jesus foi com os seus discípulos para a região da Judeia e ali passou algum tempo com eles e batizava. **23** Também João estava a batizar em Enon, perto de Salim, porque havia ali águas abundantes. As pessoas vinham e eram batizadas. **24** João, de facto, ainda não tinha sido lançado na prisão. **25** Levantou-se então uma discussão entre os discípulos de João e um judeu, acerca dos ritos de purificação. **26** Foram ter com João e disseram-lhe: «Rabi, aquele que estava contigo, além do Jordão, de quem deste testemunho, está a batizar e toda a gente vai ter com Ele.» **27** João declarou: «Ninguém pode receber coisa alguma, se não lhe for dado do Céu. **28** Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse que não sou o Messias, mas apenas fui enviado à sua frente. **29** Quem tem a noiva é o noivo. O amigo do noivo, que o assiste e escuta, alegra-se com a voz do noivo. Assim, pois, essa minha alegria está realizada! **30** Ele é que deve crescer, e eu diminuir.»

31 Aquele que vem do Alto está acima de todos. Quem é da terra à terra pertence e fala da terra. Aquele que vem do Céu está acima de todos **32** e dá testemunho daquilo que viu e ouviu, mas ninguém aceita o seu testemunho. **33** Quem aceita o seu testemunho confirma que Deus é verdadeiro. **34** Pois aquele que Deus enviou profere as palavras de Deus, porque ele dá o Espírito sem medida. **35** O Pai ama o Filho e tudo entregou na sua mão. **36** Quem acredita no Filho tem a vida eterna; quem não adere ao Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus.

COMENTÁRIO

- Depois do gesto no templo e do diálogo noturno com Nicodemos, Jesus retira-se para leste e, nas margens do Jordão, dedica-se a batizar, através dos discípulos (3,22).
- Numa **discussão entre os seus discípulos e os de João Batista**, estes vão comunicar ao próprio mestre a sua desilusão, porque o grupo deles vai diminuindo, enquanto que o de Jesus está crescendo (3,25-26).
- **João Batista assume esse facto com alegria**, na linha do seu primeiro testemunho (1,19-34): esse era o objetivo da sua missão. Serve-se da imagem esponsal para falar da sua alegria por o noivo ter chegado. Isso significa que chegaram os tempos anunciados pelos profetas: *“O amigo do noivo, que o assiste e escuta, alegra-se com a voz do noivo. Assim, pois, essa minha alegria está realizada!”* (3,29).

4,1-42 *Jesus e a mulher de Samaria***TEXTO**

4 1 Quando Jesus soube que chegara aos ouvidos dos fariseus que ele conseguia mais discípulos e batizava mais do que João – **2** embora o próprio Jesus não batizasse, mas os seus discípulos – **3** deixou a Judeia e voltou para a Galileia. **4** Tinha de atravessar a Samaria. **5** Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. **6** Cansado da caminhada, Jesus sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia.

7 Entretanto, chegou uma mulher samaritana para tirar água. Jesus disse-lhe: «Dá-me de beber.» **8** Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. **9** Disse-lhe então a samaritana: «Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. **10** Respondeu-lhe Jesus: «Se conhecesses o dom que Deus e quem é aquele que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e ele havia de dar-te água viva!» **11** Disse-lhe a mulher:

«Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo: **12** de onde te vem a água viva? Porventura és maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço, do qual beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?» **13** Jesus declarou-lhe: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; **14** mas, aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água brotando para a vida eterna.» **15** Disse-lhe a mulher: «Senhor, dá-me dessa água, para eu não tenha mais sede, nem tenha de vir cá tirá-la.»

16 Respondeu-lhe Jesus: «Vai chamar o teu marido e volta cá.» **17** A mulher retorquiu-lhe: «Eu não tenho marido.» Disse-lhe Jesus: «Disseste bem: ‘não tenho marido’, **18** pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade.» **19** Disse-lhe a mulher: «Senhor, vejo que és um profeta! **20** Os nossos pais adoraram a Deus neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.» **21** Jesus declarou-lhe: «Mulher, acredita em mim: Está a chegar a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. **22** Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. **23** Mas chega a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois assim são os adoradores que o Pai procura. **24** Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.» **25** Disse-lhe a mulher: «Eu sei que o Messias, chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há de anunciar-nos todas as coisas.» **26** Jesus respondeu-lhe: «SOU EU, que estou a falar contigo.»

27 Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de ele estar a falar com uma mulher. Mas nenhum perguntou: ‘Que procuras?’, ou: ‘De que estás a falar com ela?’ **28** Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquela gente: **29** «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será ele o Messias?» **30** Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus.

31 Entretanto, os discípulos insistiam com ele: «Rabi, come.» **32** Mas ele disse-lhes: «Eu tenho um alimento para comer que vós não conheceis.» **33** Os discípulos começaram a dizer entre si: «Será que alguém lhe trouxe de comer?» **34** Declarou-lhes Jesus: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra. **35** Não dizeis vós: ‘Mais quatro meses e vem a ceifa’? Pois eu digo-vos: Levantai os olhos e vede os campos que estão doirados para a ceifa. **36** Já o ceifeiro recebe o seu salário e recolhe o fruto para a vida eterna, de modo que se alegram ao mesmo tempo aquele que semeia e o que ceifa. **37** Pois aqui aplica-se o ditado: ‘um é o que semeia e outro o que ceifa’. **38** Porque Eu enviei-vos a ceifar o que não trabalhastes; outros se cansaram a trabalhar, e vós entrastes no campo da sua fadiga.»

39 Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: «Ele disse-me tudo o que eu fiz.» **40** Assim, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-lhe que ficasse com eles. **41** E ficou lá dois dias. Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: **42** «Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.»

COMENTÁRIO

♦ *4,1 Quando Jesus soube que chegara aos ouvidos dos fariseus que ele conseguia mais discípulos e batizava mais do que João, 2 embora o próprio Jesus não batizasse, mas os seus discípulos 3 deixou a Judeia e voltou para a Galileia. 4 Tinha de atravessar a Samaria.*

- Este singular diálogo de Jesus com a mulher de Samaria tem lugar **no regresso de Jesus de Jerusalém**. Está também ligado aos temas do templo, do Espírito e da tradição dos antepassados.
- Tem, porém, um enquadramento distinto: **Samaria era o reino gémeo de Judá**, no tempo dos profetas pré-exílicos. Tinha uma população mista, pois, quando os Assírios conquistaram o reino, deportaram para a assíria a maioria dos seus habitantes e trouxeram, gente de outros povos para Samaria (2Rs 17,24). Depois, Judá também foi para o exílio e, no regresso, as relações entre Samaria e Jerusalém foram sempre tensas, tanto do ponto de vista político e militar, como religioso, com guerras e conflitos frequentes. Os judeus, consideram os samaritanos como heréticos e a animosidade manteve-se através dos séculos. No entanto, o ideal de união entre os dois reinos foi sempre um sonho para todos os descendentes de Jacob, o pai das doze tribos tradicionais.
- Segundo a tradição **o poço da cidade** provinha mesmo do patriarca Jacob, como atesta a narração. Este poço, além disso, tem uma história simbólica, liga este poço com toda a história de Israel e seria expressão da Lei, que dá de beber ao povo ao longo de toda a sua história, que se espelha no diálogo de Jesus com a samaritana.
- Além disso, o texto tem também uma **influência do profeta Oseias** e do seu drama familiar com uma mulher que não lhe é fiel, mas que ele ama e de quem vai sempre à procura (cf. Os 1-3).
- É neste contexto que a expressão **“Tinha de atravessar a Samaria”** não se refere a uma necessidade de itinerário, pois havia uma outra estrada, mais a leste, à beira do Jordão. Este **“ter de”,** ou **“dever”** tem um valor especial nos evangelhos. Significa, frequentemente, como neste caso, **“é vontade de Deus que”**. Jesus tem de passar em Samaria, porque isso faz parte do seu percurso missionário: Deus vem à procura da mulher infiel, mas sempre amada.

♦ *5 Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. 6 Cansado da caminhada, Jesus sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia.*

- Jesus dirige-se, pois, ao centro da cidade e da sua patriarcal tradição, ligada à Lei, grandemente paralela com a do seu povo, os judeus. **Vem ao encontro da comunidade cismática de Samaria.**
- As referências à **história dos patriarcas, sobretudo Jacob e José**, dizem respeito às narrações bíblicas que modelaram a tradição dos dois povos e também de muitas divergências (cf. Gn

33,18; 48,4). Segundo o livro de Josué, foi aqui que os ossos de José foram sepultados, no regresso do Egito (cf. Js 24,32).

- O texto diz literalmente que Jesus se sentou *“sobre o poço” (epi tē pegê)*: **confronta-se com o Poço-Lei-Tradição**, como se tinha confrontado com o templo em Jerusalém. Às autoridades de Jerusalém, Jesus disse que Ele era o novo templo. Aqui, coloca-se em lugar do poço.
 - A *“hora sexta – meio dia”* também não parece ocasional. Será na *“hora sexta”* que Jesus será condenado para ser elevado na cruz (Jo 19,14; Lc 23,44), como oferta de salvação de Deus. Essa salvação, que será para todo o mundo, começa por estender-se como ir ao encontro da comunidade separada de Samaria.
- ◆ *7 Entretanto, chegou uma mulher samaritana para tirar água. Jesus disse-lhe: Dá-me de beber. 8 Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. 9 Disse-lhe então a samaritana: Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana? É que os judeus não se dão bem com os samaritanos.*
- A mulher de Samaria, que **vem buscar a água ao poço da cidade**, certamente um dos trabalhos contínuos das mulheres e das crianças. A água é fonte de vida, mas, por isso mesmo, cria uma dependência quotidiana e vital. Por isso a identificação do poço com a Lei tem todo o sentido.
 - **Jesus pede-lhe de beber** – *“Dá-me de beber”* – será ele a encetar o diálogo, sobretudo na primeira parte. Veio à procura deste contato, desta mulher. Este encontro é realmente um modelo de diálogo que procura encontro e um caminho para a fé.
 - Ela estranha (como igualmente os discípulos), pois **não é suposto** um homem falar a sós com uma mulher. Além disso, para a supremacia habitual dos judeus em relação aos samaritanos pedir de beber não é uma atitude correta. É isso que ela exprime: *“Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana”*.
 - **Jesus, porém, não vem mostrar a sua supremacia**; despoja-se claramente de tudo aquilo que possa constituir obstáculo ao encontro que vem estabelecer. Por isso, deixa-se encontrar numa posição de fragilidade, de quem pede (sente-se, a melodia do amor não correspondido de Oseias).
 - **Também na cruz, Jesus pedirá água**, antes de oferecer a água da Vida (19,28). É nessa direção que continua o diálogo.
- ◆ *10 Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom que Deus e quem é aquele que te diz: dá-me de beber, tu é que lhe pedirias, e ele havia de dar-te água viva! 11 Disse-lhe a mulher: Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo: 12 de onde te vem a água viva? Porventura és maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço, do qual beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?*
- De novo Jesus toma a iniciativa e, **de novo o diálogo sobe de tom**, como quando fala a Nicodemos do nascer de novo (3,3): *“Se conhecesses o dom que Deus e quem é aquele que te diz... ele havia de dar-te água viva”*. No contexto do poço e da tradição que o rodeia, a palavra de Jesus está carregada de sentido.
 - A mulher fala ainda da falta de balde, mas **entende que Jesus fala de outra realidade** e faz referência à outra água que constitui a sua vida, para além da água do poço e que vem da tradição dos pais: *“Porventura és maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço”*. O

que é que pode ser mais seguro e inspirador do que a fé que recebemos da nossa tradição secular?

- ◆ **13** *Jesus declarou-lhe: Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; 14 mas, aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água brotando para a vida eterna. 15 Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para eu não tenha mais sede, nem tenha de vir cá tirá-la.*
 - Jesus parte ainda **da realidade da água de todos os dias e da sede** que faz correr para ela, uma sede que só se saciar, para recomeçar a pedir mais água, sem nunca saciar de vez: *“Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede”*.
 - E Jesus **inclui nesta água a sua relação com a Lei e a tradição de sempre**. Tu procuras saciar a sede de felicidade e de vida na Lei e na tradição, mas encontras-te ainda com sede. A água parece fugir diante da tua sede; a vida diante da tua vontade de viver.
 - **Mas tem uma proposta nova:** *“aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede”*; antes, *“tornar-se-á nele uma fonte de água brotando para a vida eterna”*.
 - Jesus **tinha levado a mulher a entrar em si própria e a perceber qual era a sua sede**, qual o sentido das suas labutas, sonhos, cansaços e desilusões. Começa a sentir uma nova sede de uma nova água: *“Senhor, dá-me dessa água, para eu não tenha mais sede, nem tenha de vir cá tirá-la”*.
 - **O tratamento de “Senhor”** pode ser um tratamento de deferência, mas é também a palavra que se usa para o Deus de Moisés na revelação. Adiante, essa revelação será claramente feita por Jesus (3,26).
- ◆ **16** *Respondeu-lhe Jesus: Vai chamar o teu marido e volta cá. 17 A mulher retorquiu-lhe: Eu não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: não tenho marido, 18 pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade.*
 - Jesus muda a linguagem, mas continua no tema, como uma orquestra que faz tocar a mesma música através de outro instrumento. **O tema agora será o amor, a segurança, a vida fecunda, o futuro:** *“Vai chamar o teu marido e volta cá”*. Como na água e na sede, Jesus faz a mulher perguntar-se pelos seus afetos, pela sua razão de viver, de lutar, pela alegria da vida partilhada. Por detrás, ouve-se a melodia do profeta Oseias de Samaria à procura da sua amada que não descobre o valor do seu amor por ela.
 - **A resposta volta no reconhecimento da sede de amor e de vida:** *“Não tenho marido”*. E já teve cinco está com um sexto: o número de uma plenitude e alegria, que se busca e busca, mas nunca se alcança. As mais gratificantes experiências de amor e de vida, deixam sede e apelo a mais, como a água do poço. Não porque sejam más, mas porque são sempre limitadas. E Jesus confirma a verdade da exposição da mulher: *“Nisto falaste verdade”*.
- ◆ **19** *Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és um profeta! 20 Os nossos pais adoraram a Deus neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. 21 Jesus declarou-lhe: Mulher, acredita em mim: Está a chegar a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. 22 Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. 23 Mas está a chegar a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois assim são os adoradores que o Pai procura. 24 Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.»*

- A mulher **reconhece em Jesus o modo de falar dos profetas de Deus**: *“Vejo que és um profeta”*. Por isso, interroga-o sobre o modo de prestar um culto certo a Deus; uma questão semelhante à do templo, mas agora em diálogo das várias tradições da Lei: Qual é o verdadeiro culto: *“Neste monte... em Jerusalém?”*.
 - E Jesus apresenta **uma resposta semelhante à que deu a Nicodemos**: *“nem neste monte, nem em Jerusalém... está a chegar a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade”*. O Espírito é aquele que sacia a sede de amor e de vida. Adorar a Deus, entrar em contato com a *“Água Viva”*, é possível através do dom do Espírito.
 - Ele é também aquele que faz a união entre *“os adoradores do Pai”*, que virão de todos os povos, a começar pelo povo irmão de Samaria.
- ♦ 25 Disse-lhe a mulher: *Eu sei que o Messias, chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há de anunciar-nos todas as coisas.* 26 Jesus respondeu-lhe: *SOU EU, que estou a falar contigo...*
- ♦ 28 Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquela gente: 29 Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será ele o Messias? 30 Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus...
- A mulher ganhou nova sede desse mundo novo que Jesus lhe revelava. Também ela, como Nicodemos, **queria um novo futuro, que haveria de realizar-se com a chegada do Messias**. Pensa nisso como o sonho comum do seu povo, dos judeus, da humanidade: *“Eu sei que o Messias, chamado Cristo, está para vir”*. A sua sede concentra-se na esperança que nasceu à beira do poço dos pais e daquele que veio ao encontro dela.
 - Agora **Jesus completa o encontro com a revelação de si próprio, o Filho de Deus**: *“SOU EU, que falo contigo”*. *“EU SOU”* (Egô eimi) é claramente o nome como Deus se revelou a Deus e aos profetas. Apresentando-se deste modo, Jesus não apenas se revela como Messias de Deus, mas como Deus entre os homens, o Verbo encarnado.
 - Como nos primeiros discípulos, **aqui é uma mulher e uma samaritana dissidente** da tradição oficial de Israel que se torna discípula e anunciadora de Jesus aos “homens” da cidade. Os termos: *“vinde ver...”*.
- ♦ 39 Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: *«Ele disse-me tudo o que eu fiz.* 40 Assim, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-lhe que ficasse com eles. 41 E ficou lá dois dias. Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: 42 Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.
- O **tema do discipulado está presente na reação dos homens da cidade**. A sua profissão de fé é semelhante à de Natanael, *“Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!”* (1,49). Os samaritanos abrem o papel de Jesus a toda a humanidade: *“Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo”*.
 - **Um encontro para reler**, percorrer, como caminho de encontro com Jesus e a água da vida. Como o encontro com Nicodemos, estes diálogos vão respondendo, por um lado, à pergunta inicial dos discípulos: *“Onde moras?”*. Ao mesmo tem, é a realização da proposta de Jesus *“Vinde e vede!”*. A leitura do evangelho e também destes “Encontros com João”, têm sempre esse objetivo, que era o de João ao escrever o evangelho: *“Jesus realizou ainda na presença*

dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Messias, o Filho de Deus e, acreditando, tenhais vida em seu nome” (20,30s).

4,43-54 Segundo sinal em Caná: a vida do filho do funcionário real,

(Mt 8,5-13; Lc 7,1-10)

TEXTO

43 Passados aqueles dois dias, Jesus partiu dali para a Galileia. **44** O próprio Jesus tinha declarado que um profeta não é considerado na sua própria terra. **45** No entanto, quando chegou à Galileia, os galileus receberam-no bem, por terem visto o que fizera em Jerusalém durante a festa; pois eles também tinham ido à festa.

46 Veio, pois, novamente a Caná da Galileia, onde tinha convertido a água em vinho. Ora havia em Cafarnaum um funcionário real que tinha o filho doente. **47** Quando ouviu dizer que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi ter com Ele e pediu-lhe que descesse até lá para lhe curar o filho, que estava a morrer. **48** Jesus disse-lhe: «Se não virdes sinais e prodígios, não acreditais.» **49** Respondeu-lhe o funcionário real: «Senhor, desce até lá, antes que o meu filho morra.» **50** Disse-lhe Jesus: «Vai, o teu filho vive!» O homem acreditou na palavra que Jesus lhe dissera e pôs-se a caminho. **51** Enquanto ia descendo, os criados vieram ao seu encontro, dizendo: «O teu filho vive!» **52** Perguntou-lhes, então, a que horas ele se tinha sentido melhor. Responderam: «Ontem, pela uma da tarde, a febre deixou-o.» **53** O pai reconheceu, então, que tinha sido naquela hora que Jesus lhe dissera: «O teu filho vive». E acreditou ele e toda a sua casa.

54 Foi este o sinal que Jesus realizou ao voltar da Judeia para a Galileia.

COMENTÁRIO (BREVE)

De regresso de Jerusalém, Jesus vai, de novo a Caná, onde tinha dado o primeiro sinal da novidade do Reino de Deus, numa festa de bodas (um casamento sem o vinho do amor), anunciando a “*Hora*”, com que concluirá a sua missão na terra, dando testemunho do amor salvador do Pai e oferecendo a plenitude da Vida (2,1-11).

Em Jerusalém, com a expulsão dos vendedores do templo, condena a “mundanização” e a manipulação de Deus e anuncia a superação do templo. Ao mesmo tempo, apresenta a sua humanidade (Filho de Deus e Filho do Homem), como novo templo de comunhão e participação na Vida de Deus (2,12-22). Os diálogos com Nicodemos (3,1-21) e com a Samaritana (4,1-42), aprofundam o sentido dos dois sinais anteriores, através da insistência na “Água da Vida”, figura do Espírito de Deus, fonte da Vida que não tem limites.

No regresso a Caná, Jesus dá outro sinal da sua missão, restituindo à vida o filho de um funcionário real. Este pai é um homem do poder na sociedade e no país. Apesar disso, não é capaz de salvar o próprio filho. Não apenas o seu afeto pela vida gerada, mas também o seu futuro e a continuação do seu nome, estão em perigo, pois o filho está para morrer. Neste encontro, Jesus confronta-se, com uma outra área na qual se coloca a esperança de sucesso e satisfação: o poder. Mas, este homem percebe que o seu poder não controla a Vida e dirige-se a Jesus com insistência: “*Senhor, desce até lá, antes que o meu filho morra*”.

Na sua resposta, Jesus não fala de cura, mas de vida: “*Vai, o teu filho vive!*” Jesus não é apenas um curandeiro miraculoso. Ele vem oferecer mais do que uma cura imediata e funcional. A sua

intervenção revela a proximidade e “com-paixão” para com o sofrimento e a morte, mas aquilo que apresenta é bem mais do que a superação de uma crise de saúde. Ele oferece a Vida.

O homem *“acreditou na palavra de Jesus lhe dissera”* e voltou para casa. Veio a saber que na “hora” em que encontrara Jesus, o filho recobrou a sua vida com saúde. Dois elementos fundamentais concorrem para que haja realmente um “sinal” da vida: por um lado, a força que Jesus possui de transmitir a vida; por outro, a aceitação e adesão do Pai à palavra e à pessoa de Jesus. E esta adesão estende-se a toda a sua casa/família.